

13-10-2023

DESVIOS PARA A MESMA DIREÇÃO

Isaiás Dilmário do Conde

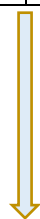
[Jornalista]

Escrevo aqui na Coluna desde abril de 2021. Fui indicado por uma ex-colega do jornal que é amiga de uma colunista que não lembro o nome. Perdi o contato com minha colega e só conheço os companheiros colunistas pelo que aqui escrevem. Até pouco tempo eu não conhecia ninguém da Coluna pessoalmente. Em recente viagem ao Rio de Janeiro, por meio do Blog da Coluna, fiz contato com o Luiz Carlos, um dos seus organizadores. Fui acolhido amigavelmente por e-mail e marcamos um encontro no Bar Lacubaco, no Morro do Vidigal. Eu estava lá hospedado na casa de um amigo e o Luiz, gentilmente, aceitou ir ao meu encontro. Era uma 6ª feira, lembro bem, porque eu iria embora no domingo.

Luiz chegou acompanhado de um rapaz muito simpático. Quando eu soube que era o professor Eguimar Chaveiro, colunista do Opinião, eu levei um tremendo susto. O professor era um dos meus colunistas prediletos com suas escritas sempre instigantes, reflexivas e bem-humoradas. Como jornalista, muitas vezes eu me inspirava nele pra escrever algumas de minhas matérias. Fiquei encantado e me senti muito à vontade. A tarde entrecruzada com nossas histórias foi, posso dizer, de muito riso e emoção naquele boteco que eu chamei, depois, de *sala de parto de uma amizade triangulada*. Mas vai que lá pelas tantas Luiz e Eguimar “confessaram” que, desde 2003, portanto há 20 anos, eles trocam correspondências por email, quase diariamente. Fiquei espantado porque eles contabilizam mais de duas mil páginas de, como eles dizem, conversa fiada. Disseram que algumas, inclusive, já foram perdidas na asa do vento. Sem conhecer a prosa dos dois, já fiquei com pena de saber que algumas já se foram. Contaram-me que tudo começou com uma amiga em comum, Angela Barbosa, arquiteta goiana, já ausente, que iniciou essas peripécias escrivinhais e declarou Luiz e o professor como par constante. Conhecendo o estilo do professor, eu, como jornalista (que me considero investigativo), fiquei morto de curiosidade, mas permaneci estupefato e na minha. Procurei, apenas, não mudar de assunto, e fiquei perguntando sobre o que eles haviam pensado em fazer com esse material. Só conseguiram dizer que havia um projeto, sabidamente impossível, de escrever um livro (ou vários volumes) chamado “*Desvios para a mesma direção*”. Comecei a fazer algumas perguntas e eles até brincaram comigo: “*nem no boteco você deixa de ser jornalista investigativo?*” Eu aferrado naquele tema do papo, comecei a achar que estava ficando chato e soltei, timidamente: “*eu poderia ter acesso a algum desse material?*” Os dois falaram quase em uníssono: “*claro que sim, tudo nosso é público, inclusive nosso amor.*” Luiz logo falou: “*Isaiás, vou selecionar alguns textos e se você quiser vou mandando aos poucos, quem sabe você não adere à Piorocura?*” Logo fiquei intrigado: “*o que é Piorocura?*” O professor Eguimar emendou rápido: “*é a cura pela piora, se você morrer você piora melhorando...*” e logo o Luiz falou: “*não... se você morrer você melhora piorando...*”

Com aquela confusão na cabeça, quase desisti de ter acesso ao material... Não sei se mostrei cara de preocupado, pois logo o Luiz me disse que eu não me preocupasse pois essa terapia não tinha lastro científico e, por isso, era confiável. Acalmei e segui curioso. Ao nos despedirmos, Luiz e o professor Eguimar disseram que estavam pensando em fazer um encontro dos colunistas nos primeiros meses de 2024, ou no Rio de Janeiro ou em Goiânia. Respondi que faria o possível para estar no encontro, fosse onde fosse. E, logo após repetir a obrigatória saideira, relembrei com os dois a incrível força do abraço da (nova) amizade..... Foi um encontro memorável....

■ ■
Quando recebi o primeiro malot-e-mail dos *desvios para a mesma direção*, a 1ª correspondência entre eles, datada de 05/01/2003, às 22:59, dizia: *Eguimar / Prezado amigo (?) (creio) / É com muito cuidado que te escrevo, pois nossa amiga em comum ao me dar seu e-mail me disse: Cuidado! O Eguimar é uma pessoa muito linda... Sem saber bem o que ela queria dizer com isso, mesmo assim estou tomando o máximo de cuidado, embora eu reconheça que nem mesmo sei que tipo de cuidado estou tomando. Gosto, de qualquer modo, das palavras que começam com cu. São palavras, no mais das vezes, puras, índias: cupuaçu, curimatã, cunhã, curumim. E as que têm o cu no meio ou no final, melhores ainda: tucunaré, pirarucu, pacu, sucuri, esta última nem tanto, se não se tomar cuidado, olha o cu de novo aí. ... Achei uma forma um tanto heterodoxa, principalmente para um primeiro diálogo entre duas pessoas que só se conheciam pela amiga comum (Angela Barbosa). Nessa primeira leitura me certifiquei de que eu teria que extrair significados e elaborar sínteses. Afinal, eu estava diante de um fenômeno de comunicação que lembrava a época abandonada das cartas. Ali estavam duas pessoas que não se conheciam iniciando uma das principais provas de que somos humanos: a comunicação livre e totalmente impregnada de subjetividades. Hoje, duvido que o Zap e outras formas de comunicação, via redes sociais, sejam capazes de gerar sinais que possam ser usinas de palavras e marcas simbólicas de prazeres, temperadas pelo tempo da espera, bem maior que apenas dez ou vinte segundos do sinal sonoro do celular. O inusitado era que a apresentação começava pela palavra cu. A mensagem, bem mais longa, trazia também: *Eu que já o conhecia, por nossa amiga em comum, através de seus escritos, confesso que fiquei surpreso ao ver na sua interpretação da pessoa (no caso eu), a partir da poesia, uma face tão generosa do como eu deveria ser.* A expectativa do encontro entre dois desconhecidos, intermediado por uma amiga em comum, para mim é decisivo. Nenhum encontro intermediado pelas máquinas, pela tecnologia que nos dirige, se compara ao encontro definido por um alguém que ama dois. Logo, a 1ª resposta, chegou rapidamente, em 07/01/2003... *Fadel. Para você entender um pouco a minha cabeça neurótica, olha só o que me veio. Quando li a sua última mensagem, como uma descarga excremental apareceu na tela da minha imaginação: "eu e o Fadel deveríamos continuar as correspondências**



com libérrima irresponsabilidade poética, de tal modo que num par de não-sei-quanto-tempo deveríamos juntá-las e programar uma publicação". Algo como "Mensagens de poetas invisíveis". Reparem que o professor Eguimar se dirigia ao Luiz Carlos chamando-o de Fadel, como é mais conhecido, embora pareça um pseudônimo. Sua resposta soava como premonitória pois já no primeiro momento propunha uma publicação num ponto futuro. E, quis o destino, eis-me aqui com o privilégio de publicar algumas *Mensagens de poetas invisíveis*. O nome mudou, mas o espírito é o mesmo. A mensagem continua... Com o livro impresso, reuniríamos e então apresentados pelo livro que fizemos, nos conheceríamos de corpo-e-alma... Alguns recados importantes para você analisando esse pensamento: 1) Não me leve muito a sério. Sou uma fábrica incessante de projetos. Geralmente me contento em fabricá-los. Nunca os desenvolvo. Talvez considere que o esplendor está na imaginação e não na realidade. 2) Se pensei em publicá-lo é porque julguei - e julgo - a nossa mensagem como sendo ótima, digo, da melhor qualidade (é uma gíria). Talvez pense que sou um dos melhores do Brasil e talvez considere que isso não vale nada, porque a vida é passagem - e paisagem - movente-movediça. 3) A minha metidez total é siamesa de minha humildade absoluta: quero ao mesmo tempo ser um mendigo e um Deus. E ambos podem ter as mesmas faces. Além disso, nunca in-vejo ninguém. Sei admirar e repudiar. Na leitura que fiz dos seus pergaminhos, sobrou-me admiração sublime. Já quero fazer um estudo do seu estilo para aprender um pouco... 4) A minha neurose é produtiva. A sua é um estremecimento poético. Abraços. Eguimar. Com uma apresentação bem pseudo-autobiográfica, Eguimar demonstra de imediato como enfileirar nós das palavras e transformá-los em canteiros de flores que poderiam ser, também, de hortaliças. Logo no dia seguinte (08/01/2003), a resposta de Luiz..... Eguimar. Quanto à mensagem dos poetas invisíveis: fechado.

Tanto que, de imediato, abri uma pasta de nome eguimar para este intuito docemente irresponsável. No mais, além da libérrima independência de cada um de nós, a parceria poética gostaria de tentar, com você, todas as vezes que a nossa radicalidade poético-narcísica permitir. O que acha? e, a propósito:

"NÃO me leve muito a sério. Sou uma fábrica incessante de projetos. Basto-me em fabricá-los. Desenvolvê-los talvez lhes tirasse o esplendor de você NÃO me levar a sério E eu pudesse perder a chance de NÃO ser levado a sério por quem representa a razão de me sentir mendigo e Deus: meu grande projeto de amor por você."

No mesmo dia Eguimar responde: Fadel, Vamos lá...

"Não me leve muito a sério. Sou uma fábrica incessante de projetos. Basto-me em fabricá-los. Desenvolvê-los talvez lhe tirasse o esplendor de você não me levar a sério E eu perdesse a chance de não ser levado a sério porque representa a razão de me sentir mendigo e Deus Meu grande projeto de amor por você, algo assim: dar-lhe cinco filhos / povoar os seus sonhos libidinosos fazer-lhe acreditar no paraíso ao meu lado navegar nas nuvens... e morrer em seus braços recitando o poema do nosso amor. Mas não me leve a sério..." Abraços. Eguimar.

A sutil diferença de um poema feito a dois em que um usa por quem e o outro usa porque no mesmo poema seria uma pegadinha, um erro de grafia ou o mistério de dois em um?

Espero voltar em breve pois, parece, estou apenas no início...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.